

Gramsci e a educação

Carlos Roberto Paiva

Coordenador do seminário e editor do dossiê *Gramsci e a Educação*

César Aparecido Nunes

Coordenador do projeto *Os intelectuais e a Educação*

Régis Henrique dos Reis Silva

Editor do dossiê *Gramsci e a Educação*

Esta edição de *Filosofia e Educação* – oficialmente seu primeiro número – compõe-se integralmente de textos apresentados e debatidos no Seminário *Gramsci e a Educação*, realizado pelos grupos HISTEDBR e PAIDEIA, em outubro de 2009, na Faculdade de Educação da UNICAMP.

O mencionado evento constituiu parte de um projeto mais amplo, intitulado *Seminários de Estudos – Os intelectuais e a educação*, com o qual se pretende contribuir para a discussão e a reflexão sobre o papel dos intelectuais na compreensão dos vínculos entre os fenômenos educacionais e as realidades a que se referem, tomando-se o conhecimento na perspectiva da emancipação humana e a educação como elemento estratégico na construção de uma nova ordem – social, econômica e política.

Para dar início ao projeto, escolheu-se como tema e foco o intelectual italiano Antonio Gramsci (1891–1937), que talvez seja o marxista “clássico” que mais longe levou a reflexão sobre a escola. Nas milhares de páginas dos *Cadernos do Cárcere* repousa uma vigorosa reflexão sobre a escola, a educação e a natureza política da cultura. Além disso, a alicerçar a opção, cabe lembrar a trajetória biográfica do escolhido, que sonhara tornar-se professor de língua e literatura italiana e

aos 20 anos foi aprovado em concurso de bolsas de estudos para estudantes pobres do Colégio *Carlo Alberto*, de Turim, inscrevendo-se no curso de Letras, com concentração na área de Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade de Turim. Nessa época já organizava *cadernos* com suas reflexões, classificadas por temas.

Aos 23 anos, *Nino* passou a militar na Federação Juvenil Socialista (FGS), dedicando-se sobretudo à educação de jovens operários. Assiste a um curso sobre o marxismo e aprende a ler em alemão para aprofundar e sistematizar seu estudo. Em 1915, devido à fragilidade de sua saúde e em função das crescentes dificuldades econômicas, abandona os estudos superiores, sem os concluir. Mas, sob o influxo do movimento operário, abraça com paixão o jornalismo político e a militância socialista. Passa a escrever, com maior frequência, para a página turinesa do *Avanti!* e para o semanário *O grito do povo*. Escrevia sobre teatro e política. Os artigos eram breves (uns 2 mil toques), com muitas alusões eruditas, de sintaxe simples e direta. Eram críticas plenas de referências históricas. Defendia a importância da cultura na propaganda socialista, a luta social para o fortalecimento da consciência operária ante o inevitável crescimento do capitalismo e das diferenças entre o Norte e o Sul italianos devido à guerra. Frequentando Círculos Operários, neles proferiu conferências sobre a Revolução Francesa, a Comuna de Paris, o feminismo, a ópera, o teatro etc.

Em 1916, com 25 anos, foi liberado do serviço militar, por problemas de saúde. Em 1917, publica o jornal-opúsculo *A cidade futura*, de 4 páginas, parte da campanha de recrutamento da FGS. Em setembro,

após a prisão de praticamente todos os dirigentes socialistas regionais, tornou-se Secretário da Comissão Executiva Provisória que dirigiu regionalmente o PSI. Foi nomeado diretor e único redator do semanário *O grito do povo*, onde publicou artigos de Lênin, Trotsky, Romain Rolland e John Reed.

Até 1919 Gramsci ainda era pouco conhecido no mundo do socialismo. Mas, a partir desse ano, passaria a desempenhar papel fundamental nos movimentos populares e sindicais: em abril desenvolveu forte agitação entre os soldados de origem sarda, enviados a Turim para reprimir o movimento operário; em 1º de maio, com Tasca, Terracini e Togliatti, antigos militantes universitários da FGS, funda um periódico de política e cultura – *A Ordem Nova*; em meados do ano é eleito para a Comissão Executiva da seção de Turim (a cidade vermelha) do Partido Socialista Italiano; em junho, em artigo intitulado *Democracia operária*, defende a transformação das Comissões Internas em Conselhos de Fábricas – as comissões eram eleitas exclusivamente pelos trabalhadores sindicalizados, o conselho devia surgir da escolha de todos os trabalhadores; em setembro, 2 mil operários da Fiat-Brevetti elegem o primeiro Conselho de Fábrica; no fim de 1919, mais de 150 mil operários haviam nomeado representantes, segundo as sugestões da *Ordem Nova*.

Os debates sobre os Conselhos projetam nacionalmente Gramsci e o semanário *A Ordem Nova*, mas também contribuem para dividir a esquerda italiana. A esquerda bordiguista, o centro serratiano e os dirigentes sindicais socialistas viam na proposta dos Conselhos o renascimento do anarco-sindicalismo e a ameaça à autoridade dos

Sindicatos. Em 1921, em Livorno, deu-se a cisão do Partido Socialista Italiano e a primeira reunião do Partido Comunista Italiano (PCI). Gramsci considerou a cisão uma derrota, porque o PSI conseguira manter boa parte da vanguarda operária e, sobretudo, porque essa divisão favoreceria a ascensão do fascismo. Trotsky escreveria, em 1932, que apenas Gramsci sentira, realmente, o perigo da ditadura fascista. Em novembro de 1926, Gramsci, deputado e secretário geral do PCI, é preso a mando de Mussolini. Em 1928 é condenado a 20 anos, 4 meses e 5 dias de prisão. Em 1932 tem sua pena reduzida para 12 anos e 4 meses.

No cárcere, passa a refletir sobre a política para uma época de profundo refluxo do movimento operário e social. Essa reflexão foi registrada entre fevereiro de 1929 e agosto de 1935, e resultaria na produção de 33 cadernos escritos simultaneamente e divididos por argumentos temáticos, com um total de 2.848 páginas de texto e de notas, que se encontram hoje depositados na Fundação Instituto Gramsci, em Roma.

Gramsci contou com grande número de livros para redigir seus *Cadernos do Cárcere*, enviados pela cunhada Tatiana Schucht. Ele também explorou, exaustivamente, as bibliotecas das prisões em que esteve. Entre as várias questões que se propôs estudar, encontra-se a dos intelectuais. Ele sentiu de maneira candente a insuficiência da fraseologia esquerdista e dogmática que penetrara o Partido. Gramsci percebeu a inconsistência de concepções que, como dizia, confundiam palavras com ação. As reflexões, registradas em 29 dos 33 *Cadernos* (4 contêm exercícios de tradução), destinavam-se sobretudo a

apoiar o desenvolvimento dos quadros e dos intelectuais ligados à classe trabalhadora que constituiriam o futuro grupo dirigente. Para Gramsci, o intelectual do partido novo deve ser o vetor da cultura das classes em ascensão, construindo a nova hegemonia através da educação e da organização social.

Em 1934, Gramsci, devido a seu estado precário de saúde, recebe liberdade condicional a ser gozada em clínica. Morreu em 27 de abril de 1937, aos 46 anos de idade.

Gramsci não logrou organizar e reordenar seus registros. Não há, portanto, homogeneidade, linearidade ou coerência perfeita na reflexão gramsciana, o que contribuiu para produzir interpretações não raro contrapostas e um debate que prossegue ainda hoje. Em 1947 a editora Einaudi, de Turim, publicou, sob o título *Cartas do Cárcere*, a correspondência Gramsci-Tatiana, organizada por temas, mas sem as cartas escritas por Tatiana e sem os textos que comprometiam Togliatti e a direção do PCI e da Internacional. Entre 1948 e 1951, a mesma editora publica os *Cadernos do Cárcere*, em 6 volumes, organizados por temas aglutinadores. Em 1975, a Einaudi lança uma edição crítica, em 4 volumes, preparada por Valentino Gerratana, que abandona a ordem temática e apresenta os textos segundo a ordem cronológica da redação. Em 1977, a editora Riuniti, próxima ao PCI, relança a edição temática com os comentários contidos na edição crítica, registrando o número do caderno do qual foi extraído cada comentário.

As referências às questões educacionais e à escola são frequentes nos *Cadernos*, mas Gramsci consagrou a esse tema um caderno especial, o de nº 12, que se completa com a leitura do caderno nº 22 (*America-*

nismo e Fordismo) e do nº 11 (*Introdução à Filosofia*), os quais contribuíam para melhor fundamentar sua conceituação da Escola Unitária.

A influência de Gramsci não se limita à Itália. Suas concepções são discutidas por toda a parte e influenciam todos aqueles que lutam por uma renovação democrática da educação, da cultura e da sociedade. No Brasil, o primeiro espaço institucional que se abriu para o estudo sistemático da obra de Gramsci, no campo da educação, ocorreu no primeiro semestre de 1978, com a 1ª turma de doutorado em Filosofia da Educação da PUC-São Paulo. Assumindo, a pedido dos alunos, a disciplina Teoria da Educação, Dermeval Saviani organizou seu programa em torno da obra de Gramsci.

Dessa data até hoje, inúmeros pesquisadores detiveram-se na interlocução de Gramsci com a educação. Nosso objetivo, ao reuní-los em Seminário, foi, a partir de suas contribuições, ver em que medida as reflexões de Gramsci nos ajudam a compreender melhor os problemas da educação brasileira. E, ao divulgar aqui algumas dessas contribuições, nosso objetivo é socializar os resultados, que será concluído com a edição, em livro, dos textos apresentados nas mesas-temáticas de discussão.

Este dossiê

Classificamos as contribuições deste dossiê *Gramsci e a Educação* em três gêneros: *Artigos, Pesquisas e Projetos*.

Como *Artigos* constam trabalhos de: Adriana de Castro e Roseli Esquerdo Lopes (UFSCar) - *Gramsci, os pioneiros e a educação integral*; Alessandro de Moura (UNESP) - *Movimento operário, intelectuais e o partido revolucionário em Gramsci*; Alexandre Maia do Bomfim (IFRJ) - *Ideologia em abundância nas Revistas Época e Veja: a revanche marxista*; Andrea Ciacchi (UFPA) - *Gramsci, o "folclore" e o dia 22 de agosto: observações impertinentes*; Karine Martins Sobral, Betânia Moreira Moraes e Maria Susana Vasconcelos Jimenez (UECE) - *Escola unitária e princípio educativo em Gramsci: ensaios de compreensão à luz do caderno 12*; Leandro de Oliveira Galastri (UNICAMP) - *Revolução passiva e jacobinismo: uma bifurcação da história*; Leonardo Docena Pina (UFJF) - *Sociedade inclusiva: a face aparente do capitalismo em uma nova fase*; Luís Fernando Gotarde (UNICAMP) - *A relação educação-folclore no governo de Juscelino Kubitschek*; Luiz Aparecido Alves de Souza (UTP) - *O trabalho docente na escola pública e o pensamento educacional de Antonio Gramsci*; Maria das Graças de Almeida Baptista (UFPB) - *Práxis e educação em Gramsci*; Maria Socorro Ramos Militão (UFU) - *O MST e a reforma intelectual e moral gramsciana*; Pedro Claesen Dutra Silva (UFC) - *Educação e hegemonia camponesa: MST e educação do campo no estado do Ceará*; Roberta Ravaglio Gagno, Anita Helena Schlesener e Andréa Garcia Furtado (Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba e UTP) - *Educação, hegemonia e formação de dirigentes*; Ronney da Silva Feitoza (UFAM) - *Movimento e educação popular em Gramsci*; Tatiana Carvalho (USP) - *A universidade e uma nova hegemonia*; Thiago Chagas Oliveira e Sandra Cordeiro Felismino (UFC) - *Revolução e educação em Gramsci (1919-1920) e Gramsci e a concepção marxista de escola*; e Wilson da Silva San-

tos (UNEB) - *Política, cultura e hegemonia na sociedade civil: uma leitura gramsciana*.

Na seção *Pesquisas* publicamos as colaborações de: Bruno Botelho Costa (UNICAMP) - *O papel da educação na cooptação ideológica em Gramsci e Freire*; Deise Rosalio Silva (USP) - *O lugar da educação em Gramsci: correlação com seus conceitos políticos*; Evelyne Medeiros Pereira (UFPE) - *Hegemonia e "autogestão" no MST*; Gabriela Teixeira de Freitas Ribeiro Vilhagra (UNICAMP) - *O intelectual orgânico e a formação política do movimento estudantil*; Heloisa Gomes Bandeira e Eveline de Sousa Landim (UFPE) - *Hegemonia e reconstrução ética no pensamento de Antonio Gramsci*; Lana Ferreira de Lima (UFG) - *O pensamento de Gramsci, o ideário de inclusão social e educacional, e a formação do professor*; Marcos Roberto Lima (UNICAMP) - *Educação, hegemonia e terceiro setor na região metropolitana de Campinas*; Regilson Maciel Borges (PUC-Campinas) - *Gramsci: os intelectuais e a produção de teoria*; Vitor Martins Fraga (UFF) - *Redemocratização e hegemonia: educação política e movimentos populares nos anos 1978-1989*.

A seção *Projetos* apresenta a contribuição de Juliana Gimenes Gianelli (UFSCar) - *A escola de Gramsci na educação profissional tecnológica*.

Para os estudiosos e pesquisadores da obra de Gramsci, fica o convite para *saborearem* a leitura dos textos e também para participarem, de 13 a 16 de setembro próximo, do Seminário Internacional *Gramsci e os movimentos populares*, que será realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), campus do Gragoatá, em Niterói, Rio de Janeiro.